

EDITORIAL

Esta **edição especial da Revista Científica da FAP** reúne artigos resultantes da produção de pesquisadores acadêmicos também artistas da Dança, e seu desenho editorial celebra uma sólida parceria entre o Grupo de Pesquisa de Dança, da UNESPAR Campus II, e Laboratório Coadaptativo LabZat, da UFBA.

Nossa editoria propõe refletir criticamente sobre os tipos e as dinâmicas dos vínculos instaurados entre **DANÇA E SOCIEDADE**, evidenciando tanto as disputas de força travadas nas relações estéticas, políticas, historiográficas e econômicas subjacentes ao problema da (im)popularidade da dança contemporânea, quanto a tessitura das suas condições de emergência e continuidade histórica, para, então, vislumbrar possíveis redesenhos das formas participativas da dança na esfera pública em que está implicada.

Nesse sentido, os artigos aqui reunidos sugerem diferentes leituras do tema proposto mas, também, se oferecem como pistas de abordagem, na medida em que, para além de seus conteúdos temáticos propriamente ditos, também os seus pressupostos, o vocabulário expressivo e as referências bibliográficas expressam certo repertório próprio aos seus contextos de formulação – seja como matéria constituída a partir deles ou referência sobrevivente neles, como resquício de outros. É desse modo que as ideias configuradas nesses artigos, expressam suas próprias condições de permanência e circunstancialidade, tanto nos contextos imediatos de atuação dos seus autores, quanto nos contextos mais remotos e gerais da cultura e da vida.

A temporalidade a que estão submetidos os sistemas vivos e culturais, transformando-os contínua e irreversivelmente, em escalas e ritmos variados, é percebida e concebida pelo corpo como um regime de historicidade engendrado pelas dinâmicas relacionais que se instauram em cada contexto. São processos de disputa pela continuidade das ressonâncias que a atividade interativa produz, em busca da estabilidade dos padrões emergidos

circunstancialmente. São processos biológicos, mas, também, culturais. São processos coevolutivos, mas, sobretudo, políticos.

É desse modo, que ideias de dança – sejam elas configuradas como discurso teórico, composição coreográfica ou senso estético – emergentes em dado contexto circulam por outros modificando-os ao mesmo tempo em que se modificam e, pouco a pouco – embora, não sem traumas – consolidam hábitos de pensar/fazer e cultivar/consumir dança. É desse modo, que as ideias apresentadas nos artigos publicados nesta edição mostram-se tributárias não apenas dos contextos de origem dos seus autores, mas, também, da intensa mobilidade que suas referências experimentam pelo trânsito frequente entre alguns importantes polos de formação e pesquisa acadêmica em dança, tais como, a UFBA, a PUC-SP, a UFRJ, a UniverCidade, FAP, Sorbone Paris VIII, Brunel University e Bristol University – onde os autores convidados obtiveram suas titulações ou desenvolveram pesquisas.

Contudo, vale lembrar que os deslizamentos da centralidade ocupada por esses polos acompanham *pari passu* os jogos de poder envolvidos na disputa pela hegemonia dos repertórios constituídos, pela preservação do *status quo* e pela ocupação de espaço midiático. Por isso, a ausência de autores egressos de outras instituições não constitui exclusão por insignificância, mas pode ser pensada como um contraponto lógico ao sentido político da presença. As ideias presentes nos artigos se expõem à crítica, também pelo que, nelas ou em torno delas, se mantém ausente.

Quanto ao foco temático escolhido, sem enveredar pela inesgotável e artilosa polêmica sobre o que seja “contemporâneo” em arte (nas palavras do filósofo Peter Osborne, uma “ficção operativa” que visa atribuir sentido de unidade ao presente), tomamos o senso comum sobre a impopularidade da dança contemporânea, amplamente ancorado na sua suposta incompreensibilidade, como ponto de ebulição que mescla, em fervura borbulhante, distintos argumentos explicativos confundindo causas com efeitos, preconceitos, fabulações e ficções.

Se acreditarmos que a popularidade de uma forma de dança advém da sua compreensão semântica, reduzimos toda experiência estética à mera ação comunicativa e toda fruição artística à mera satisfação de consumo.

Popularidade é estabilidade de nexos de sentido, sua instauração depende da coerência alcançada pelas conexões entre as coisas e seus contextos, e sua duração depende da continuidade das ressonâncias que as interações produzem, ao longo do tempo. Daí a inércia lógica do argumento da “pureza”, ainda fortemente cultuada como valor moral pelo legado moderno das nossas instituições, e ainda largamente difundida pelos discursos atuais, em que comparece renomeada de “especificidade”.

De outro modo, se reconhecemos a dança como ação cognitiva do corpo que tanto produz quanto é resultante de processos sócio-políticos, expandimos o escopo da sua participação nos agenciamentos que constituem o sistema das artes e a própria esfera pública, cuja dinâmica de complicação recusa leituras teóricas fundadas em determinismos e causalidades lineares.

Esta é, certamente, uma mudança de perspectiva invisível aos metodólogos de pesquisa em dança, que insistem caracterizar as danças pelos seus ditos “elementos constitutivos”, sem considerar que suas configurações são sínteses transitórias dos processos de que emergiram e, portanto, diferenciam-se pelas suas estruturas compositivas e não simplesmente pelos seus componentes isolados.

Entendidos como sintomas da própria condição que se dedicam a esclarecer, os artigos integrantes desta edição especial da **Revista Científica da FAP**, ao oferecerem pontos de vista particulares aos temas atuais de mobilização investigativa nas universidades brasileiras, também contribuem para situar certo “estado da arte” da geopolítica da dança no contexto cultural brasileiro – panorama fundamental para pensarmos o alcance das práticas artísticas de dança no rearranjo de forças necessário para promover desvios às narrativas dominantes em cultura. O que os artigos oferecem não são respostas ou soluções aos temas de que tratam, mas caminhos de abordagem que salientam lógicas associativas e dinâmicas derivativas envolvidas na configuração do panorama a que se referem.

Tomando por inspiração o princípio da “boa vizinhança” adotado por Aby Warburg (1866-1929) na organização da sua biblioteca, o que ordena a sequência dos artigos é menos uma afinidade temática e mais uma complementaridade do percurso lógico que as reflexões críticas dos autores

delineiam frente ao enfoque editorial pautado nas relações entre **DANÇA E SOCIEDADE**.

Jussara Setenta e Candice Didonet, no artigo *yvonneraineando: proposta artística acadêmica em co-autoria*, abrem os debates intencionados neste número especial da **Revista Científica da FAP**, situando a complicação entre arte e pesquisa na universidade, a partir de uma experiência colaborativa entre orientadora e orientanda numa prática compositiva relacionada com as investigações acadêmicas de cada uma, nos campos da performatividade e da relação entre dança e literatura/poesia, respectivamente.

Os processos colaborativos seguem abordados pela perspectiva de uma “autonomia da codependência” proposta por Tiago Alixandre em seu artigo *Pelas epistemologias do desprendimento - a dança em coletividade como produtora de autonomia*, em que o processo de formação do Coletivo O12 (de que é um dos fundadores juntamente com Preta Ribeiro e Tati Almeida), pensado à luz da concepção de sistema, esgarça o sentido particular da biografia.

Paola Secchin Braga densifica a polêmica do espaço autoral na narração histórica da dança, no artigo *Conjecturas e divagações sobre biografias* em que situa as biografias, autobiografias e heterobiografias em meio aos recentes exemplos em que a própria dança se apresenta como peça biográfica.

Das formas narrativas sobre a dança, passamos às formas de escritura pela dança, com o artigo *Escritas do corpo e da cidade*, em que Andrea Maciel compõe uma narrativa sobre sua prática de compor o que nomeia de cartocoreografias com o espaço urbano.

A relação entre dança e cidade é retomada no artigo *Usos da Cidade: O Parkour e B.boying*, em que Vanilton Lakka propõe algumas hipóteses de determinância sobre a dinâmica de constituição das técnicas corporais dessas formas de dança praticadas na cidade, como estratégias de uso dos espaços urbanos, fortemente pressionados pelo processo de espetacularização descrito por Guy Debord.

No contexto compositivo da dança, as relações entre corpo e ambiente ganham uma abordagem política no artigo *Espaço coreográfico: ocupação*,

dispositivo e crítica de Ana Rizek Sheldon, em que as propostas artísticas denominadas “instalação coreográfica” são reconhecidas como dispositivos críticos. Na mesma linha de abordagem política pela complicação dos processos artísticos e culturais, Tiago Nogueira Ribeiro situa seu artigo *Dança e intervenção urbana: a contribuição do regime dos editais para a espetacularização da arte e da cidade contemporânea* na escala do sistema de financiamento dos trabalhos de dança chamados de “intervenção urbana”, cujo noivado com o regime hegemônico dos editais esvazia a sua potência crítica.

Aparentemente mais abstratos, os vínculos da dança com a ciência são explorados nos artigos que fecham essa coletânea, apontando nexos de cotidianidade contraditórios ao discurso da impopularidade da dança contemporânea. No artigo, *Dançando números, formas e padrões*, Máira Spanguero trata da associação entre dança e matemática, para além da óbvia conexão entre musicalidade e número nas clássicas contagens coreográficas, citando operações mais complexas como processos tradutórios de conceitos matemáticos por meio da experiência sinestésica de padrões abstratos, não somente em composições artísticas de dança, mas, também, no próprio ensino da matemática. E Adriana Bittencourt, no artigo *A Permanência na relação entre arte e ciência*, aponta o parâmetro sistêmico da permanência como condição de criação e liberdade da matéria, na medida em que pressupõe a transformação constante como vetor evolutivo.

Todos os autores convidados partem de premissas avessas àquelas que resultam de um entendimento de dança como exibição de movimento ininterrupto, contínuo e sucessivo, única e exclusivamente. Compreende-se que criações que subvertem padrões de pensamento instituídos sobre o que é passível ou não de ser considerado dança, requerem, além de espaço para sua produção, também ambientes críticos de discussão e difusão, como este que o recorte editorial desta edição especial da **Revista Científica da FAP** pretende cumprir.

Salvador e Curitiba, Julho de 2015.

Marila Velloso
Fabiana Dultra Britto
Editoras